

ESCAVAÇÕES NO TEMPLO ROMANO DE ÉVORA — ACERCA DA RELEVÂNCIA CRONOLÓGICA DE UMA SÉRIE DE MOEDAS

Felix Teichner

No centro da actual cidade de Évora, no ponto mais elevado da colina e nas imediações da catedral encontram-se os restos monumentais de um templo romano. Sobre um pódio de blocos de granito lavrados, cascalho e «opus caementicium», conservam-se até hoje catorze colunas com bases e capitéis coríntios, de um períptero clássico.

Neste templo, considerado aliás, como o melhor conservado da Península Ibérica, efectuaram-se desde 1987 pesquisas sistemáticas, que se tornam possíveis graças à colaboração existente entre o Instituto Arqueológico Alemão, o Serviço Regional de Arqueologia da Zona Sul e ainda a Câmara Municipal de Évora (1).

Escavações metódicas em vários cortes, assim como documentação pormenorizada sobre a construção do templo, permitiram analisar as edificações circundantes.

Deste modo, pôde verificar-se que a construção do templo não estava isolada no topo da colina. Em diversos cortes, comprovou-se a existência de um muro de um «porticus» à volta do templo, bem como a edificação de um «criptoporticus» situado por baixo do mesmo, assim como parte de um forum pavimentado com mármore e um espelho de água com 4 m de largura, o qual cercava o templo em três dos seus lados.

Sobre as construções mais antigas e a grandiosa marmorização na época flávia, que remontam provavelmente à era Augusta da cidade, já se falou anteriormente (2). Para a história mais recente do monumento e a sua localização na cidade, os achados

(1) Por último: Th. Hauschild, «Évora, Vorbericht über die Ausgrabungen am römischen Tempel, 1989-1992. Die Konstruktionen», *Madr. Mitt.* 35, 1994 (em preparação).

(2) F. Teichner, «Évora, Vorbericht über die Ausgrabungen am römischen Tempel, 1986-1992. Stratigraphische Untersuchungen und Aspekte der Stadtgeschichte», *Madr. Mitt.* 35, 1994 (em preparação).

numismáticos são de relevante importância. Quer-se, por isso, — em parte com o auxílio dos métodos estatísticos — expôr alguns conceitos acerca da importância cronológica dos achados de moedas medievais ⁽³⁾.

Sob a égide do bibliotecário eborense J. H. da Cunha Rivára, já em meados do século passado foram descobertos largos espaços da disposição antiga em frente do templo romano. Não havendo dados exactos sobre os feitos naquela altura, no decorrer das recentes escavações, pôde verificar-se a parte das terras já escavadas por Cunha Rivára no século passado: directamente em frente do pódio foi desaterrada uma área com 10 m de largura indo até à superfície do pavimento.

Consequentemente, durante as novas escavações nesta zona, só foram recolhidos achados medievais secundários.

Devido à autenticidade condicional dos solos de uma parte dos achados, resta saber qual a importância do testemunho cronológico dos achados de moedas portuguesas da época pós-reconquista. O facto destes achados serem feitos em povoações, não deixa dúvidas de que se trata de moedas ocasionalmente perdidas (em oposição a depósitos de achados) representando quantidades aleatórias, isto é, uma mostra representativa para a análise de uma parte da população ⁽⁴⁾. A perda de um objecto valioso não poderá ser, evidentemente, interpretado globalmente com um acto intencional ⁽⁵⁾.

Permanece, por isso, a questão sobre que quantidade global (parte da população) é reflectida pelo achado das 54 moedas, ou seja (e resumindo nas palavras do notável historiador da época pré-histórica H. J. Eggers): Se — como no presente caso — os bens extintos são representativos pelos bens em extinção, qual é o bem existente representado por ambos? ⁽⁶⁾. Trata-se, neste caso, de uma amostragem de moedas divisionárias que estiveram em circulação entre 1128 e 1992 no reino de Portugal, ou meramente de uma emissão regional ou mesmo local? O último caso citado daria aso a conclusões muito em voga nas investigações arqueológicas, de acontecimentos e particularidades locais de uma estratigrafia («ocorrência de catástrofe»).

A base da presente análise é representada por simples histogramas, baseados por sua vez no índice monetário para a análise de moedas antigas propostas por Ravetz no

⁽³⁾ Agradeço ao meu irmão Maximilian Teichner as inúmeras e úteis informações fornecidas na área de estatística.

⁽⁴⁾ Em princípio para a representatividade das amostragens e levantamento de Bias/erros sistemáticos: M. Rutsch, *Statistik I* — «Mit Daten umgehen»/*Statistik II*: «Daten modellieren», Basel 1986. — B. Bamberg, *Statistik*, München/Wien 1991 7.

⁽⁵⁾ H. Chr. Noeske, «Bemerkungen zur Problematik der Siedlungsfunde» in M. R. — Alföldi (edição), *Studien zu Fundmünzen der Antike I* (Berlin 1978) pp. 157-165. — R. Reece, «Zur Auswertung und Interpretation römischer Fundmünzen aus Siedlungen», *idem* pp. 175-195.

⁽⁶⁾ H. J. Eggers, *Einführung in die Vorgeschichte* (München 1986) pp. 258-262.

Numismatic Chronicle (7). A representação baseia-se no coeficiente de moedas perdidas e período de reinado de cada soberano, para levar em conta os diferentes períodos de emissão e, no caso de mau estado de conservação, as tolerâncias na indicação de datas. Para garantir uma comparabilidade de diferentes e avultadas séries de moedas, calcula-se, finalmente, a frequência relativa de cada moeda. Deste modo, aplica-se na ordenada (eixo y) a quantidade relativa das moedas estatisticamente perdidas. A abcissa (eixo x) representa um eixo cronológico linear dos meados do séc. XII até finais do séc XIX. Deste modo, especifica-se para cada moeda uma parte proporcional uniforme da área no plano da coordenada.

Das 54 moedas encontradas nas escavações efectuadas no templo romano em Évora, 41 exemplares foram atribuídos inequivocamente a um soberano. As restantes 13, devido ao seu mau estado de conservação, puderam apenas ser atribuídas a períodos mais latos. Estas peças, que aparecem fundamentalmente no período da Era cristã, foram imputadas proporcionalmente, isto é, conforme os respectivos períodos de cada reinado, aos respectivos soberanos.

A série de moedas baseada neste método (Fig. 1, coluna 1) e o respectivo histograma (Fig. 2) principiam em Évora com alguns dinheiros de bolhão. Característica desta moeda clássica da primeira dinastia portuguesa é a cruz equilátera ou cruz floreada no verso. Nos cantos encontram-se frequentemente pequenas reproduções de diversos astros (sol, lua, estrelas). No reverso, na maioria dos casos, vêm-se, dispostas em forma de cruz, as cinco quinas portuguesas e nestas a delineação de cinco portas.

Das moedas extremamente raras do primeiro rei português, Afonso Henriques (1128-1185), não se encontraram, até à data, provas nesta cidade, que foi reconquistada no seu reinado em 30 de Novembro de 1165. A primeira moeda da época pós-árabe, provém do reinado do seu filho, D. Sancho I (1185-1211). A série de moedas alcança o ponto culminante na primeira metade do séc. XII, com a cunhagem de dinheiros do rei D. Sancho II (1223-1248). A seguir o índice monetário tem um declínio nítido, atingindo o ponto mais baixo durante o reinado de D. Pedro I (1357-1367). Também as moedas posteriores se encontram com uma frequência relativamente baixa, até à falta notável (por completa) das moedas de D. Duarte (1433-1438) quando o índice monetário, na 2.^a metade do séc. XV, torna a subir consideravelmente. Trata-se nomeadamente de ceitis de D. Afonso V (1438-1481) e de D. Manuel I (1495-1521). Estes ceitis de cobre comemoram a conquista de Ceuta no ano de 1415.

A representação característica, no verso, da muralha da cidade de Ceuta com três torres e em primeiro plano as ondas do mar, foi concebida pela primeira vez sob o

(7) A. Ravetz, «The Fourth-century Inflation and Romano-British Coin Finds», *NC* 1964, pp. 201-231., nom. 206.

Índices das moedas de Évora, Conímbriga e São Cucufate

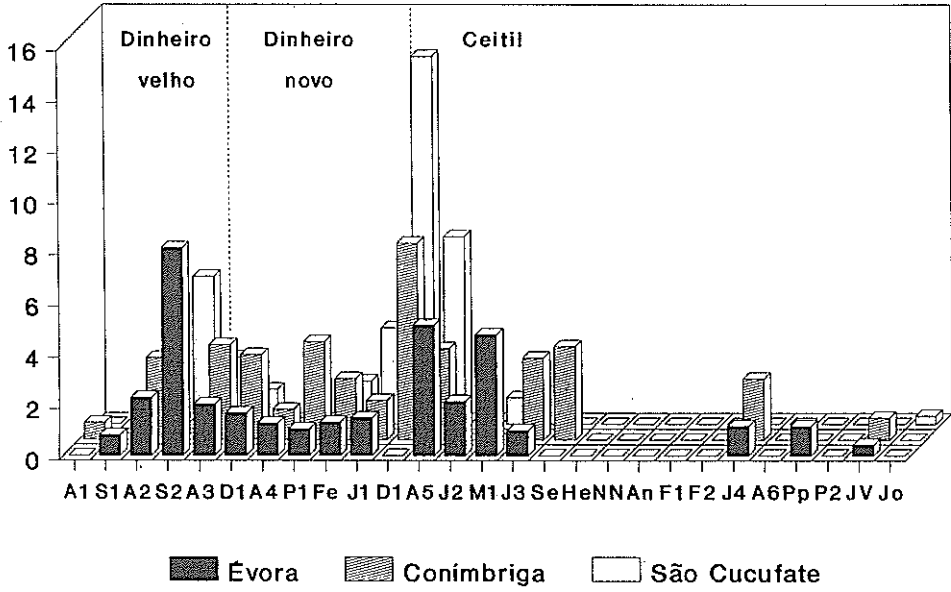


Fig. 1

Índice numismático de Évora

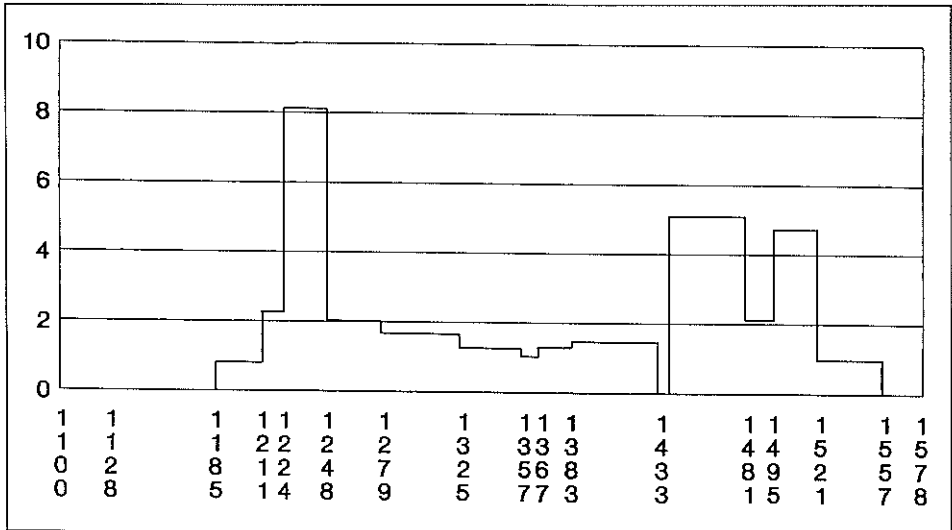


Fig. 2

reinado de D. Afonso V, continuando inalterada, durante pouco mais de 150 anos, até à época de D. Sebastião. Esta moeda, cunhada principalmente em Lisboa e Porto (em parte também em Ceuta), torna-se rapidamente a base da próspera economia colonial portuguesa daquela época ⁽⁸⁾.

Em Évora, as perdas contínuas de moedas terminam com as moedas de D. João III (1521-1557). Seguem-se somente alguns achados de moedas da dinastia de Bragança. Trata-se aqui de peças da cunhagem de D. João V (1640-1656), do príncipe regente, D. Pedro, (1676-1683) e de D. João VI (1706-1750).

Observando a evolução da série de moedas de Évora, podemos reconhecer que a característica mais acentuada é a da oscilação extrema do índice de moedas do séc. XII (dinheiros) e XV (ceitis). É nesta observação que se baseiam as investigações seguintes.

Para analisar a questão anteriormente esboçada, referente aos critérios locais e transregionais para a composição das séries de moedas, deverão ser analisados outros achados numismáticos. Significativo para a situação da arqueologia medieval, torna-se o facto de ambas as séries de moedas a serem analisadas provirem de escavações de época romana. Por um lado, trata-se da série de moedas ⁽⁹⁾ (Fig. 3) provenientes das

Índice numismático de Conímbriga

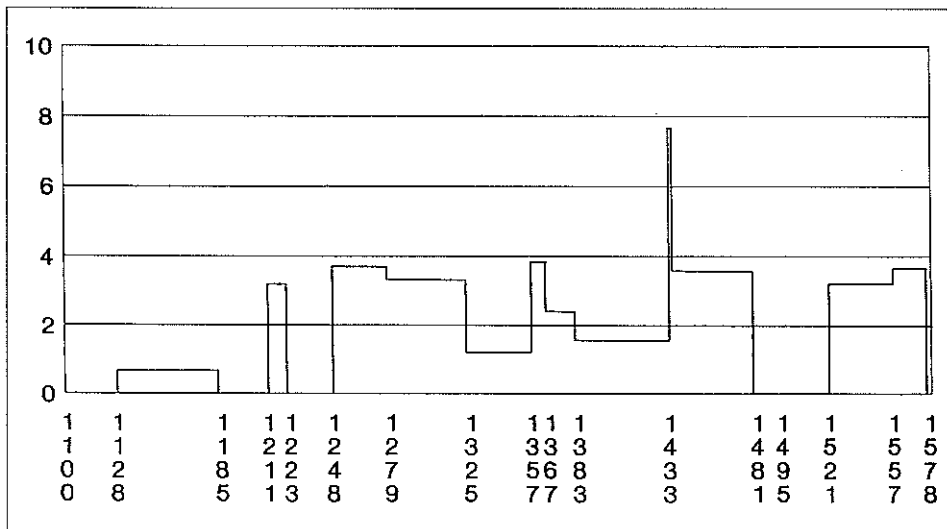


Fig. 3.

⁽⁸⁾ F. Mendes Magro, «The metrology and Dating of the Ceitis», in M. Gomes Marques (Edição), *Problems of Medieval Coinage in the Iberian Area*. Simpósio do Instituto Politécnico de Santarém, 1984, pp. 257-274. — F. A. Costa Magro, *Ceitis*, Sintra 1986.

⁽⁹⁾ Foram consideradas somente as 26 moedas inequivocamente classificadas.

escavações franco-portuguesas no município romano de Conímbriga (Condeixa-a-Velha, Douro) ⁽¹⁰⁾. Por outro lado, existem 117 moedas ⁽¹¹⁾ provenientes da vila romana de São Cucufate (Vila de Frades, Vidigueira, entre Évora e Beja, Alentejo) ⁽¹²⁾. (Fig. 4).

Índice numismático de São Cucufate

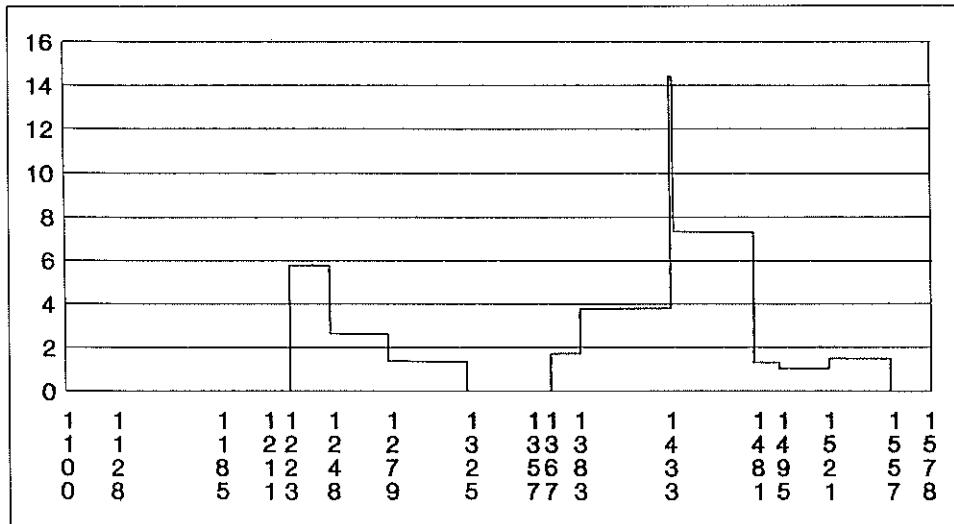


Fig. 4

Pelas representações gráficas, evidenciam-se as primeiras conformidades entre os três locais (Évora, Conímbriga, São Cucufate). Apenas a série de moedas da cidade de Conímbriga, reconquistada dos mouros em 1064, apresenta uma moeda do primeiro soberano português, D. Afonso Henriques. No Alentejo, as séries de moedas iniciaram-se apenas no séc. XIII, uma vez que a Reconquista foi aí mais tardia ⁽¹³⁾.

No entanto, em ambas se podem reconhecer as observações referentes a Évora. Um primeiro máximo deste diagrama é alcançado no decorrer do séc. XIII (dinheiros). Após uma baixa relativa de perda de moedas, só em meados do séc XV as novas

⁽¹⁰⁾ I. Pereira, J. P. Bost, J. Hienard. *Fouilles de Conímbriga III — Les Monnaies*. Paris 1974. pp. 315-318.

⁽¹¹⁾ Apenas se consideram as 111 moedas inequivocamente classificadas.

⁽¹²⁾ J. Alarcão, R. Étienne, F. Mayet. *Les Villas Romaines de São Cucufate (Portugal)*. Paris 1990. pp. 279-286.

⁽¹³⁾ Sobre a repovoação de São Cucufate: Alarcão/Étienne, *op. cit.*, p. 269. — No caso de Évora: F. Teichner, *Madr. Mitt.* 35, 1994 (em preparação).

moedas — ceitil alcançam valores máximos. Por motivos diversos da história local, as séries de moedas acabam em princípios do séc. XVI.

Desta forma, podemos questionar-nos se as três séries de moedas poderiam, independentemente dos factores locais, provir da mesma base total das moedas portuguesas em circulação nos anos de 1123-1992.

O método ultimamente utilizado pelo arqueólogo alemão D. Baatz, usado para verificação de tais hipóteses, é representado pelo teste de adaptação Chi-Quadrado. Por meio deste teste estatístico pode verificar-se, no presente caso, (e apenas com uma probabilidade do erro ao nível dos 5%), a hipótese das moedas pertencerem teoricamente a uma suposta base total ⁽¹⁴⁾.

A progressão pormenorizada deste teste pode depreender-se da Fig. 5 ⁽¹⁵⁾. Conforme as opções escolhidas à priori, isto é, independentemente do respectivo resultado, as duas séries de moedas encontradas em ambos os locais urbanos, continuamente povoados, de Conímbriga e Évora, apresentam-se, de facto, bastante idênticas. O diagrama poligonal (Fig. 6) mostra uma evolução semelhante de ambas as funções de distribuição. Em comparação com isso, parece-nos que a série de moedas encontradas em São Cucufate, vila romana transformada na Idade Média em convento, são mais representativas de uma amostragem baseada em critérios locais.

A envolvente local foi fortemente influenciada pela frequência diversificada do local do achado.

Como resultado dos exames estatísticos, pode, por isso, determinar-se que nas séries de moedas encontradas em Évora e Conímbriga, existem indicações das moedas que estiveram em circulação em Portugal. Quer dizer, e falando em termos estatísticos, a função de distribuição de ambas as massas aleatórias, poderá ser considerada uma função de avaliação fiável para a massa base.

Isto parece confirmar-se quando comparado com uma outra série de moedas. Devido ao reduzido número de publicações de achados em povoados, e não obstante as já conhecidas restrições metódicas ⁽¹⁶⁾, o presente caso deverá basear-se num achado

⁽¹⁴⁾ D. Baatz, Ein Beitrag der mathematischen Statistik zum Ende des rätischen Limes. In: Studien zu den Militärgrenzen Roms (Forsch. u. Ber. z. Arch. in Baden-Württemberg 20) (Stuttgart 1980) pp. 78-89. — Idem: L. Villaronga, «Metodologia», *Numisma* 186/191. 1984, pp. 15-21. — D. M. Metcalf, «The Application, of statistics to numismatics», *FACT* 5. 1981, pp. 3-24. — A análise de Cluster para achados numismáticos, aplicada por Reece, parece pouco adequada, devido à densidade dos nossos dados: R. Reece, «Clustering of coins finds in Britain, France and Italy», in J. Casey, R. Reece (edição), *Coins and the archeologist*, Oxford 1974 (Brit. Arch. Rep. 4), p. 64. — Novamente: R. Reece, «Methodos de Comparación entre las monedas precedentes de Hallazgos», in *Symposium Numismático de Barcelona I*, Barcelona 1979, pp. 17-28.

⁽¹⁵⁾ Quanto ao método: P. Ihm, *Statistik in der Archäologie*. Köln 1978 (Archaeo-Physika 9) pp. 136-249, nom., p. 206. — J. Bley Müller, G. Gehlert, *Statistische Formeln, Tabellen und Programme*, München 1992.

⁽¹⁶⁾ Resum. aprox.: J. Gorecki, «Studien zur Sitte der Münzbeigaben in römerzeitlichen Körpergräbern zwischen Rhein, Mosel und Somme», *Ber. RGK* 56, 1975. pp. 179-467.

Teste estatístico Chi-Quadrado

Suposições: Os achados de Évora e de Conímbriga provêm da mesma totalidade básica.

Formação de grupos:

I	Afonso I	Sancho I	
II	Afonso II	Sancho II	Afonso III
III	Dinis I	Afonso IV	Pedro
IV	Fernando I	João I	Duarte
V	Afonso V	João II	Manuel I

VI	João III	Sebastião	Henriques
VII	Interregno	António	Filipe I
	Filipe II/III	João IV	Afonso VI
	Pedro princ.	Pedro II	João V
	José I		

Suposta Função de probabilidade hipotética da totalidade básica:

$f(x) =$	0,027	para x do grupo I
	0,248	para x do grupo II
	0,161	para x do grupo III
	0,114	para x do grupo IV
	0,301	para x do grupo V
	0,086	para x do grupo VI
	0,062	para x do grupo VII
	0	restante

Classificação dos dados:

Grupo	Achados de Évora	Valor previsto	$(h^* - h(e))^2$	Achados de Conímbriga	Valor previsto	$(h^* - h(e))^2$
			$h(e)$			$h(e)$
I	1,140	1,445	0,064	1,000	0,695	0,133
II	15,820	13,378	0,445	4,000	6,441	0,925
III	6,920	8,722	0,372	6,000	4,198	0,773
IV	5,120	6,156	0,174	4,000	2,964	0,362
V	20,100	16,268	0,902	4,000	7,832	1,875
VI	1,910	4,665	1,627	5,000	2,245	3,379
VII	3,000	3,375	0,042	2,000	1,625	0,087
	54,010		3,627	26,000		7,534

Daí resulta um valor para Chi-Quadrado de:

11,161

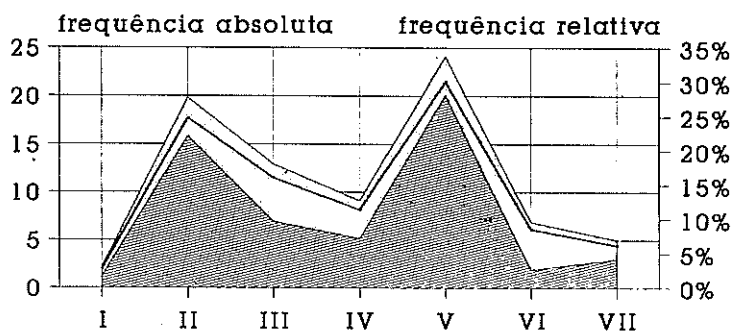
Resultado: Para uma distribuição de Chi-Quadrado com 6 graus de liberdade é de esperar em ca. 8% dos casos um factor de distribuição superior do Chi-Quadrado. Isto é, a composição de ambas as séries numismáticas não apresenta nenhuma diferença significativa (risco de erro 5%).

Por isso a tese de que ambas as séries numismáticas serão provenientes da mesma totalidade básica, não poderá ser rejeitada.

Fig. 5.

de sepultura. Ao pé da Serra de Sintra, próximo da costa atlântica, existe a pequena povoação de São Miguel de Odrinhas. Devido à sua ampliação, supostamente da época cristã primitiva, esta vila romana suscita rapidamente o interesse dos cientistas. Sobre as antigas ruínas, D. F. de Almeida descobriu durante as suas escavações um cemitério

Comparação: Évora / Conímbriga



Conímbriga	1	4	6	4	4	5	2
Évora	1,14	15,82	6,92	5,12	20,1	1,91	3
f(x) prob.hipotética	2,7%	24,8%	16,1%	11,4%	30,1%	8,6%	6,2%

— f(x) prob.hipotética ■ Évora
□ Conímbriga

Fig. 6.

com ca. de 200 túmulos, de onde provém o considerável achado de 445 moedas portuguesas ⁽¹⁷⁾. Segundo os seus relatórios prévios, a série de moedas vai de D. Sancho I (1185-1211) até D. Sebastião (1557-1578). Neste contexto, lamentavelmente, podemos mencionar apenas as 87 moedas provenientes da primeira dinastia portuguesa ⁽¹⁸⁾. Como seria de esperar, também neste caso, a comparação estatística da composição

⁽¹⁷⁾ F. de Almeida, «Escalações em Odrinhas», *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal* 39, 1958, p. 11.

⁽¹⁸⁾ M. Gomes Marques, M. M. Gomes Marques, «The relative size of the issues of the portuguese Dinheiros», in Gomes Marques (1984) *op. cit.*, p. 185.

destas moedas cunhadas entre 1128 e 1383, encontradas em Évora e Odrinhas, não apresenta diferenças significativas.

A concordância nítida entre ambas as séries advém da semelhante distribuição temporária dos dinheiros velhos.

Uma derradeira possibilidade de colocar estas importantes observações numa base mais ampla, é a sua comparação com a compilação feita por Lemos, da frequência de dinheiros portugueses em catálogos de leilões (1942-1982) ⁽¹⁹⁾. Também neste caso, o teste de comparação Chi-Quadrado confirma a nítida concordância entre as duas amostragens (Fig. 7).

Comparação: Évora / freq. nos catálogos de leilões

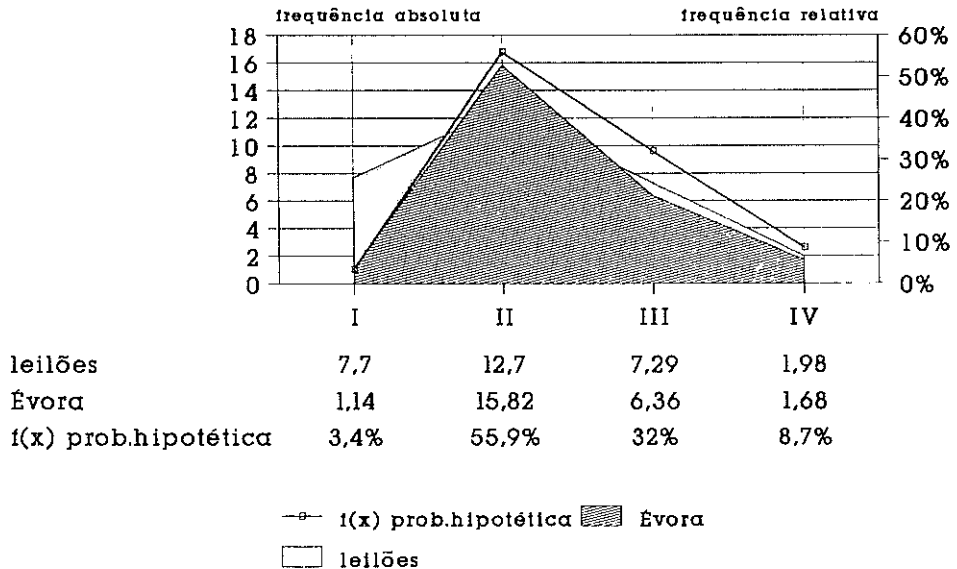


Fig. 7.

As razões da oscilação, já observada por várias vezes, entre as frequências da antiga e nova cunhagem das duas moedas medievais mais importantes do reino de Portugal (dinheiro e ceítel), poderão ser muito diferentes.

⁽¹⁹⁾ P. Ferreira de Lemos, «Frequencies of Appearance of the Dinheiro of the first Dynasty (1128-1383)», in Gomes Marques (1984) *op. cit.*, pp. 173-183.

O peso e conteúdo em prata do dinheiro de bolhão introduzido pelo primeiro soberano português, D. Afonso Henriques, oscilava grandemente nestes decénios (dinheiro velho). Os valores médios durante o reinado de D. Sancho II situavam-se entre 0,72 g com 7-8% de prata (20). O seu sucessor, D. Afonso III, tenta melhorar esta desoladora situação económica, determinando por decreto, em 11 de Abril de 1261, o peso do dinheiro em 0,797 g (21). Como demonstram os ensaios metrológicos e químicos, os pesos destes dinheiros novos (afonsinis) estavam muito próximos dos novos valores-padrão estipulados. O mesmo se verifica quanto ao teor de prata, situado entre 8,3% e 9% (22).

Se não se adoptar o princípio de que em Évora, São Cucufate e Odrinhas ocorreram ocasionalmente as mesmas oscilações no abastecimento local monetário, deve admitir-se que os dinheiros novos estiveram em circulação em quantidade bastante menor (23). Em comparação com a maioria das bem representadas peças de D. Afonso III, prevalecem nos sítios dos achados (com excepção de Conímbriga) as moedas antigas de D. Sancho II. Os dinheiros compreendidos entre os reinados do D. Dinis e D. Fernando, inclusivé, estão, de modo geral, fracamente representados. A suposição evidente de que a baixa monetária acentuada se devia a ocorrências de destruições no decorrer das disputas ao trono entre D. Sancho II e D. Afonso III, poderá ser olvidada devido ao quadro de distribuição semelhante no cemitério e catálogos de leilões. Outra explicação seria que a necessidade básica de valores numéricos estaria saturada pelos dinheiros velhos antes de 1621 na já conquistada zona meridional de Portugal. Devido a pressões exercidas na corte, Afonso III foi obrigado a conservar em circulação as moedas antigas, devendo o volume de novas emissões cobrir, teoricamente, apenas o índice de inflação e perda na circulação anual.

Alguns achados de tesouros tornam evidente a lentidão com que se processava a renovação de dinheiro descrita por Marques (24). Os achados em povoações de moedas ocasionalmente perdidas, deverão ser considerados de uma forma diferente dos da tesaurização, em que uma selecção sistemática de moedas com elevado valor e teor de metais preciosos deve ser pressuposta.

Analisemos primeiro um achado de tesouro em Castelo de Atalaião (Portalegre) no norte do Alentejo (25). Este tesouro, composto por uma considerável quantidade de

(20) M. Gomes Marques, G. F. Carter, «On the Metrology and chemical composition of portuguese Dinheiros». In: M. Gomes Marques, M. Crusafont i Sabater (edição), *Problems of Medieval Coinage in the Iberian Qrea 2.* (Aviles 1986) pp. 239-263.

(21) *Port. Mon. Hist.*, leg. et. Cons. I. p. 210.

(22) *Ibid.* (20).

(23) P. Ferreira Lemos, *op. cit.*

(24) Gomes Marques; Gomes Marques, *op. cit.*

(25) J. Ferraro Vaz, *Numária medieval portuguesa*, Lisboa 1960, p. 47.

3643 dinheiros⁽²⁶⁾, compreende 2967 dinheiros velhos (81,5%) de D. Sancho II e somente 668 dinheiros (18,5%) de D. Afonso III (Fig. 8)⁽²⁷⁾. Uma composição muito semelhante apresenta o tesouro N.º 2 achado em Santarém (73,6% : 26,4)⁽²⁸⁾. Conclui-se assim, que na altura, quando foram enterrados estes dois achados, provavelmente nos anos 80 do séc. XII⁽²⁹⁾, e apesar duma tesaurização planeada, não estariam disponíveis os dinheiros novos de alto valor.

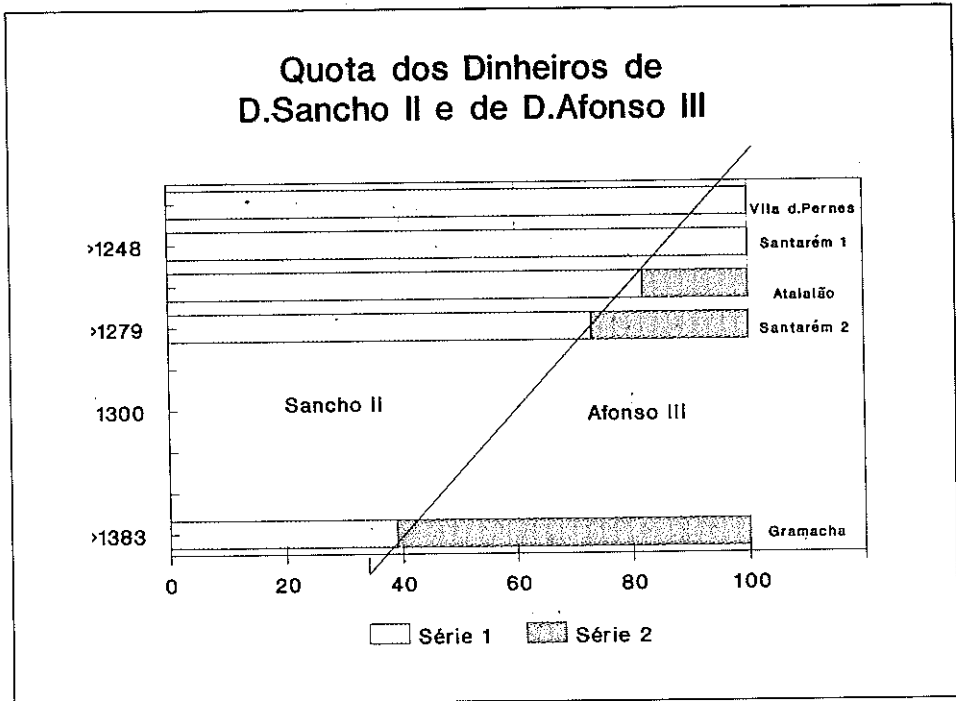


Fig. 8.

⁽²⁶⁾ Por motivos de estandarização, prescindiu-se da inclusão das quatro cunhagens encontradas de D. Afonso VII de Castela.

⁽²⁷⁾ Para esta apresentação consultou-se o achado de tesouro de Santarém 1 (id. nota 28) e Vila de Pernes: Aragão I, p. 145. — F. Vaz *op. cit.*, p. 57 /ca. 200 moedas de D. Sancho II bem como de D. Afonso Henriques).

⁽²⁸⁾ J. L. F. Guedes, «Subsídios para o estudo e arrumação das moedas dos primitivos reinados», *Nummus* 5, 1958-1959, pp. 25-29.

⁽²⁹⁾ Apesar do volume da amostragem, uma indicação de data não parece imprescindível — uma indicação de data anterior a 1279, feita por Marques, devido à falta de moedas mais recentes. Gomes Marques; Gomes Marques, *op. cit.*, p. 187.

Outro achado de tesouro provém das imediações de Évora. Do achado de Gramacha (Herdade da Nossa Senhora de Machede, distrito de Évora), encontrado em 1949, só o conteúdo de um dos possivelmente dois «mealheiros» de argila, do espólio de um colecionador particular, está na posse do Museu Nacional de Arqueologia e Etnografia em Lisboa ⁽³⁰⁾. Enquanto a maior parte das moedas provém de emissões de D. Afonso III (1248-79) e D. Dinis (1279-1325), a moeda final é um dinheiro novo, 50 anos posterior, de D. Fernando I (1367-1383) ⁽³¹⁾. Esta composição aponta para o facto de que somente ca. de 100 anos após a reforma monetária se conseguiu efectuar uma tesaurização planeada dos valiosos dinheiros novos.

Resultante da presente compilação de achados de moedas, podemos concluir um fenómeno nacional: os dinheiros novos emitidos após a reforma monetária de D. Afonso III são relativamente raros, tanto nos achados de tesouros como em sepulturas, comparados com os dinheiros antigos, havendo, por isso, uma circulação de volume restrito desta moeda.

Tendo-se verificado que tais factores extra-regionais são responsáveis pela distribuição diversificada dos Dinheiros de bolhão, é de supor que a frequência irregular da moeda de cobre, emitida a partir dos anos 1448/1449, é sujeita a leis de circulação muito semelhantes ⁽³²⁾. Enquanto que a introdução do dinheiro novo foi planeada para a estabilização dos dinheiros de bolhão, criou-se com o ceitil uma base monetária absolutamente nova. Uma tal reorganização monetária, mesmo quando efectuada sucessivamente, só foi possível em conjunto com um aumento de emissão de moedas. Além disso, e aproximadamente na mesma altura, aumentou nitidamente a necessidade do volume monetário, devido à expansão dos mercados coloniais. As moedas de cobre, de elevado peso, emitidas para satisfazer o aumento desta necessidade, conservaram também posteriormente a primazia perante emissões ulteriores de cunhagem inferior. Depreende-se dos dados compilados por Magros ⁽³³⁾, que as séries individuais de moedas com um peso de 1,913 g, correspondentes ao real prato introduzidas, já foram cunhadas sob D. Afonso V com um valor inferior a 20%. Esta «desvalorização» aumentou para 30% nos reinados seguintes, vendo-se D. João III

⁽³⁰⁾ J. Ferraro Vaz, *op. cit.*, p. 55. — J. Rodrigues Marinho, «The Gramacha (Évora, Portugal) Hoard of medieval Billon Coins», in M. Gomes Marques, D. M. Metcalf (edição), *Problems of medieval Coinage in the Iberian Area 3*, Santarém 1988, pp. 387-389. Recentemente: J. R. Marinho, «Sobre o achado de dinheiros da Herdade da Gramacha (Évora)», *AP IV*, 6/7, 1988-1989, pp. 272-285.

⁽³¹⁾ É notável o facto de os dinheiros de D. Fernando I disporem de um peso e teor de prata consideravelmente mais elevado: M. Gomes Marques, G. F. Carter, *op. cit.*, 254.

⁽³²⁾ Ainda fundamental à questão da circulação de moedas: H. Gebhardt, K. Kraft, K. Kùthmann et ali., «Bemerkungen zur kritischen Neuaufnahme der Fundmünzen der römischen Zeit in Deutschland», *JNG* 7, 1959, pp. 9-76, nom. p. 45.

⁽³³⁾ Nota 8.

obrigado a determinar o peso teórico primeiramente em 1,275 g, e em 16 de Outubro de 1550 em 0,986 g ⁽³⁴⁾.

Este breve ensaio pretende demonstrar com que cautelas deve ser feita a interpretação de séries numismáticas. Tornou-se evidente que as oscilações na série numismática de Évora resultaram em grande parte de influências sobre-regionais. Relacionados com estes factores não ligados ao local, seriam de mencionar em primeiro lugar a política monetária real, o volume de cunhagens, mas também as leis monetárias de circulação e a preferência de certos tipos de moedas, provocadas pela cunhagem de peso inferior.

Um último olhar para as três séries de moedas, mostra também, nitidamente, particularidades na série de Évora que só podem resultar de factores locais, como p. ex. a história da cidade, a localização do achado dentro da urbe ⁽³⁵⁾ e a estratigrafia do terreno à volta do templo ⁽³⁶⁾.

⁽³⁴⁾ Parece-nos interessante a observação de Magro, de que estes Ceitis de baixo peso foram cunhados somente durante um curto período, o de D. Sebastião.

⁽³⁵⁾ S. Keay, «Circulación monetaria romana urbana y en el Territorium: Estudio e Contraposición, in *Symposium numismatico de Barcelona*, Barcelona 1979, pp. 239-255.

⁽³⁶⁾ Assim, o aumento da perda monetária nos finais do século XII, implica os depósitos maciços de camadas nas antigas instalações criptopórticas romanas (Palácio dos Duques de Cadaval). Evidente é também o fim da série numismática, com a limpeza do local a partir dos meados do século XVI.